

O MÚSICO ENQUANTO TRABALHADOR NO CENÁRIO MUSICAL DE BLUMENAU (SC), BRASIL

The musician as a worker in the music scene of Blumenau, Santa Catarina, Brazil

Tairine Gabriela Pereira Lopes

Universidade Regional de Blumenau

Guilherme Augusto Hilário Lopes

Universidade Regional de Blumenau

Maiko Rafael Spiess

Universidade Regional de Blumenau

RESUMO

O objetivo deste trabalho, realizado no contexto pré-pandemia, é analisar o músico enquanto trabalhador e as dinâmicas do mercado da música na cidade de Blumenau/SC. A cidade possui uma quantidade significativa de bares e casas de show que contratam músicos para embalar jantares, *happy hours* ou festas. Por meio de um levantamento de dados em estabelecimentos do cenário musical local e da aplicação de um questionário online a músicos atuantes na região, os resultados apontam para uma insatisfação dos profissionais da música com relação às suas condições de trabalho.

Palavras-chaves: Músico; Trabalho; Mercado musical.

ABSTRACT

The objective of this study, conducted in a pre-pandemic context, is to analyze the musician as a worker and the dynamics of the music market in Blumenau/SC. The city has a significant number of bars and concert venues that hire musicians to entertain at dinners, *happy hours*, or parties. Through data collection in local music establishments and the application of an online questionnaire to musicians active in the region, the results indicate dissatisfaction among music professionals regarding their working conditions.

Keywords: Musician; Work; Music market.

INTRODUÇÃO

A compreensão das dinâmicas sociais no universo da música e a forma como os sujeitos se inserem nesse campo constituem um relevante viés de estudo na sociologia (Becker, 2008a, 2008b, 2013; Bourdieu, 2002, 2007; Campos, 2007; Weber, 1995). A atividade dos músicos, em particular, pode ser abordada tanto pela sociologia da arte ou da música (Heinich, 2008; Weber, 1995; Adorno, 2011) quanto pela sociologia das profissões e do trabalho (Segnini, 2011; 2014). Neste trabalho, o foco está diretamente voltado para a atividade profissional dos músicos e não para suas dimensões artísticas. Conforme Becker (2013) afirma, toda atividade se configura como o trabalho de alguém. Nesse sentido, a profissionalização do músico transcende a mera competência técnica. Para que ocorram os processos de iniciação, aquisição de competências musicais e eventual profissionalização, é imprescindível que o músico faça parte de uma rede de relações sociais (Campos, 2007)

A atividade laboral remunerada é central na vida da maioria das pessoas em todo o planeta. As significativas transformações e mudanças nas relações sociais no mundo do trabalho têm impulsionado a proliferação de estudos na área da sociologia do trabalho. Nesse campo, autores como Ricardo Antunes (2001) refletem acerca do mundo do trabalho e suas metamorfoses no sistema capitalista e no neoliberalismo, abordando, por exemplo, o trabalho na América Latina. Segundo Antunes (2001, p. 43), essas transformações possibilitaram a emergência de “uma classe trabalhadora mais heterogênea, mais fragmentada e mais complexificada, dividida entre trabalhadores qualificados e desqualificados, do mercado formal e informal”.

Para os músicos, o resultado do seu trabalho é a música. Esta, por sua vez, enquanto produto, tornou-se mercadoria a partir do momento em que o trabalho artístico se profissionalizou. O mercado profissional do músico, por exemplo, desenvolveu-se significativamente a partir do século XI, com a invenção da escrita musical e o desenvolvimento da leitura, e principalmente, da literatura musical. Além disso, o trabalho de músico consolidou-se com a criação de um mercado editorial para a música e transformou-se em sintonia com o avanço tecnológico, as mudanças no modo de gravação e a emergência da música digital (Requião, 2008). Em termos gerais, as transformações promovidas pela Era Industrial fizeram com que a música fosse permeada pela ideia de trabalho e, consequentemente, ganhasse atenção no modo de produção capitalista (Lüders, Gonçalves, 2013)

Sobre a indústria cultural, em Coelho (1980, p. 6) encontramos as seguintes considerações:

[...] a indústria cultural, os meios de comunicação, de massa e a cultura de massa surgem como funções do fenômeno da industrialização. É esta, através das alterações que produz no modo de produção e na forma do trabalho humano, que determina um tipo particular de indústria (a cultural) e de cultura (a de massa), implantando numa e noutra os mesmos princípios em vigor na produção econômica em geral: o uso crescente da máquina e a submissão do ritmo humano

de trabalho ao ritmo da máquina; a exploração do trabalhador; a divisão do trabalho.

Além das transformações estruturais do mercado, o campo da música também reflete e reproduz as complexas dinâmicas sociais, incluindo as questões de gênero na composição de sua força de trabalho. Historicamente, observa-se uma predominância masculina na profissão de músico. Nesse contexto, a socióloga Liliana Segnini (2014, p. 80) destaca que, no Brasil, a participação de homens no campo da música é expressiva:

[...] em 2003, eles [os homens] representavam 87% (112.367) do grupo (129.418); em 2011, 85% (108.127) de um total de 127.972 ocupados que se declaravam músicos intérpretes ou regentes, compositores, arranjadores e musicólogos. O discreto crescimento da participação das mulheres no período é traduzido em números e percentagens, com oscilações. Não é possível assegurar, assim, que a participação das mulheres nesse campo artístico seja uma conquista perene, consolidada.

Mais recentemente, Costa e Sousa (2023) analisaram o mercado de trabalho musical brasileiro e verificaram a persistência da desigualdade de gênero. Segundo o estudo, em 2019, apenas uma a cada cinco agentes (18,8%) que atuavam como músicos, cantores e compositores no Brasil era mulher, o que corresponde a menos da metade da proporção feminina encontrada na força de trabalho brasileira em geral.

O músico, enquanto profissional, está frequentemente inserido em diversos contextos de atuação, que vão desde a dedicação exclusiva à música, a sua utilização para complementar a renda, até a combinação com a docência ou outras profissões. Essa diversidade ocorre porque o mercado da música é intrinsecamente instável e opera com significativas disparidades. Enquanto alguns músicos conquistam uma agenda mensal fixa em estabelecimentos ou possuem contratos institucionais, dedicando-se única e exclusivamente à profissão, outros, como os professores de música (formados em cursos de licenciatura), podem conciliar aulas em escolas ou de forma autônoma com apresentações em bandas ou grupos musicais, seja em noites, bares, casas de show, formaturas e casamentos. Da mesma forma, muitos profissionais da música que se apresentam em bares, restaurantes e casas de show também mantêm outra profissão principal. Portanto, a condição da profissão de músico é por vezes complexa e de difícil classificação.

Geralmente, apenas professores e músicos de orquestra possuem carteira assinada como músicos. Os demais profissionais, em sua maioria, possuem outra profissão formal, evidenciando que a informalidade é uma característica bastante presente no mundo da música (Lopes, 2016). Esta realidade é corroborada por Costa e Sousa (2023), que estimam a existência de 125 a 185 mil músicos no Brasil em julho de 2019. Segundo os autores, o mercado profissional brasileiro é caracterizado por uma alta taxa de informalidade, variando entre 71,6% e 84,5%. Essa informalidade, que implica a ausência de amparo pelo sistema de proteção social da CLT, destaca a fraqueza dos vínculos institucionais e a maior vulnerabilidade desses profissionais diante das oscilações do mercado

de trabalho. Além disso, é crucial considerar que o trabalho do músico está intimamente relacionado à lógica do mercado, onde as constantes mudanças de locais e horários resultam em condições de trabalho instáveis e, consequentemente, em maior flexibilidade para o profissional (Segnini, 2011). Essa flexibilidade, embora possa remeter à autonomia, frequentemente assume um caráter perverso, manifestando-se em formas atípicas de trabalho como o autoemprego e o *freelancing*, que se tornam dominantes e intensificam a precariedade das condições laborais artísticas (Normanha, 2020).

Nesse cenário, ao se analisar a profissão de músico no Brasil, percebe-se que ela é caracterizada pela informalidade, por condições de trabalho desafiadoras e, por vezes, pela exposição a problemas de saúde ocupacional. Contudo, especificamente no município de Blumenau e sua região, há uma lacuna na produção acadêmica voltada para os músicos como trabalhadores e para as dinâmicas de seu mercado de trabalho.

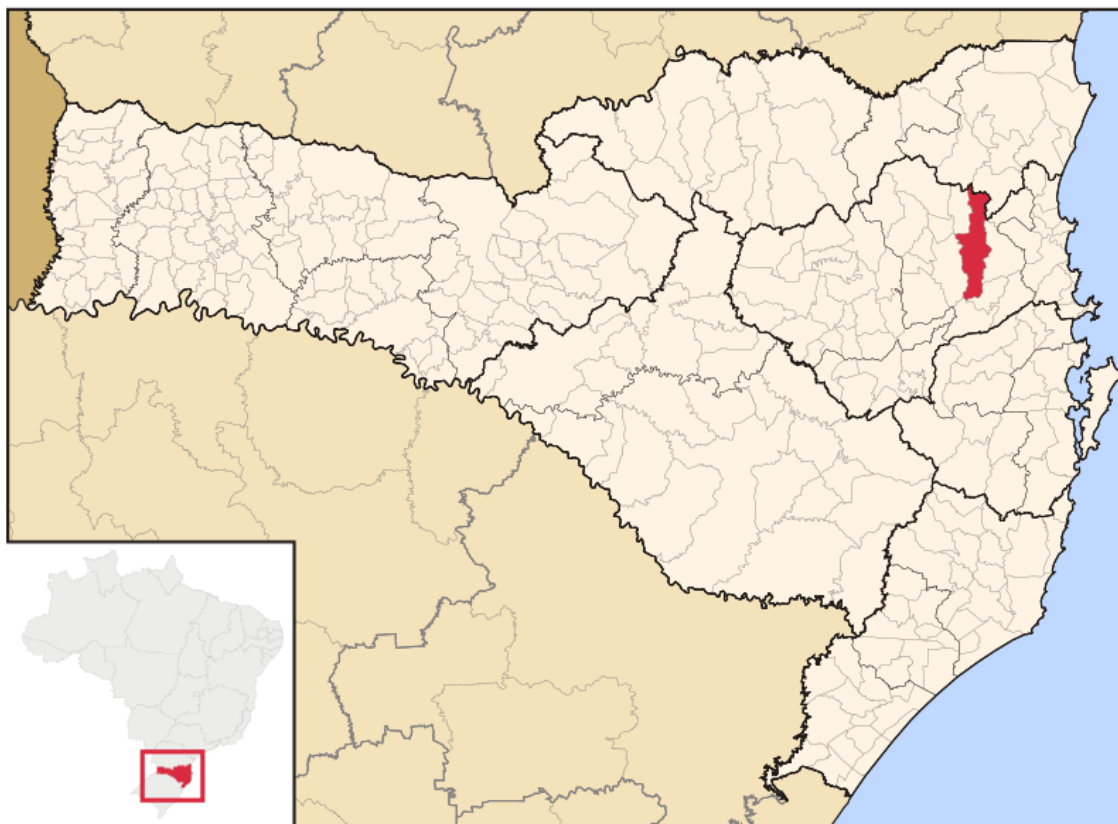
Nesse panorama, destacam-se os trabalhos de Roszbach (2008; 2014) e Werling (2016), que, em termos gerais, tratam da música no contexto da imigração alemã; a tese de Hinkel (2013), que fala mais especificamente sobre o Rap em Blumenau; e o artigo do historiador Viegas Fernandes da Costa (2008), que aborda o cenário musical das bandas autorais na cidade no início do século XXI. Soma-se a estes os trabalhos de Lopes (2016) e Lopes e Spiess (2017), que trazem um estudo de caso sobre os músicos na noite blumenauense. Embora essas pesquisas forneçam um importante mapeamento da cena musical local, elas se focam principalmente nos aspectos artísticos, musicais e culturais, evidenciando uma lacuna no estudo da profissão de músico e da sua rotina enquanto trabalhador.

Neste sentido, este trabalho propõe-se a analisar uma das dimensões entre a arte e o trabalho, tomando como ponto de partida a percepção que o músico possui com relação ao seu universo de trabalho. Além disso, visa compreender esses profissionais enquanto classe trabalhadora, que muitas vezes ficam à margem das políticas sociais de trabalho por não constituírem um grupo com características homogêneas e uma unidade organizacional. Para além desta introdução, o presente trabalho está estruturado em duas seções principais. A primeira, intitulada 'Cenário Musical e o Profissional da Música em Blumenau', contextualiza a pesquisa no município, detalha a metodologia empregada e apresenta a análise dos resultados obtidos. Por fim, as 'Considerações Finais' resumizam os achados, interpretam suas implicações e apontam as contribuições do estudo para o campo do conhecimento.

CENÁRIO MUSICAL E O PROFISSIONAL DA MÚSICA EM BLUMENAU

O município de Blumenau está situado na região nordeste do estado de Santa Catarina. De acordo com o último censo (IBGE, 2010), possui uma área total de 518,497 km² e conta com uma população de 309.011 habitantes, o que representa quase 5% da população total do estado. Além disso, Blumenau possui um Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) elevado, que a coloca na 6ª posição dentro de Santa Catarina, conforme dados do IBGE (2010).

Figura 1 - Mapa do estado Santa Catarina com destaque para o município de Blumenau



Fonte: Darlan Campos (2006).

A cidade possui 842 bares e restaurantes, conforme detalhado no Quadro 1, que apresenta a relação de contribuintes por atividade (CNAE). Alguns destes estabelecimentos oferecem música ao vivo todos os dias da semana, outros apenas nos fins de semana, e alguns contratam música ao vivo para datas especiais, feriados, entre outros eventos. Esses locais são cruciais para a atividade dos músicos, especialmente aqueles que operam na informalidade.

Quadro 1 - Relação de contribuintes por atividade (CNAE)

RELAÇÃO DE CONTRIBUINTES POR ATIVIDADE	TOTAL DE ESTABELECIMENTOS	TOTAL DE EMPREGADOS
PADARIA E CONFEITARIA COM PREDOMINÂNCIA DE REVENDA	67	215
RESTAURANTES E SIMILARES	464	2295
BARES E OUTROS ESTABELECIMENTOS ESPECIALIZADOS EM SERVIR	378	460
LANCHONETES, CASAS DE CHÁ, DE SUCOS E SIMILARES	607	1421
SERVIÇOS DE ALIMENTAÇÃO PARA EVENTOS E RECEPÇÕES - BUFÊ	11	10
CANTINAS - SERVIÇOS DE ALIMENTAÇÃO PRIVATIVOS	9	17
FABRICAÇÃO DE PRODUTOS DE PADARIA E CONFEITARIA COM PREDOMINÂNCIA DE FABRICAÇÃO PRÓPRIA	125	1055
TOTAL	1661	5473

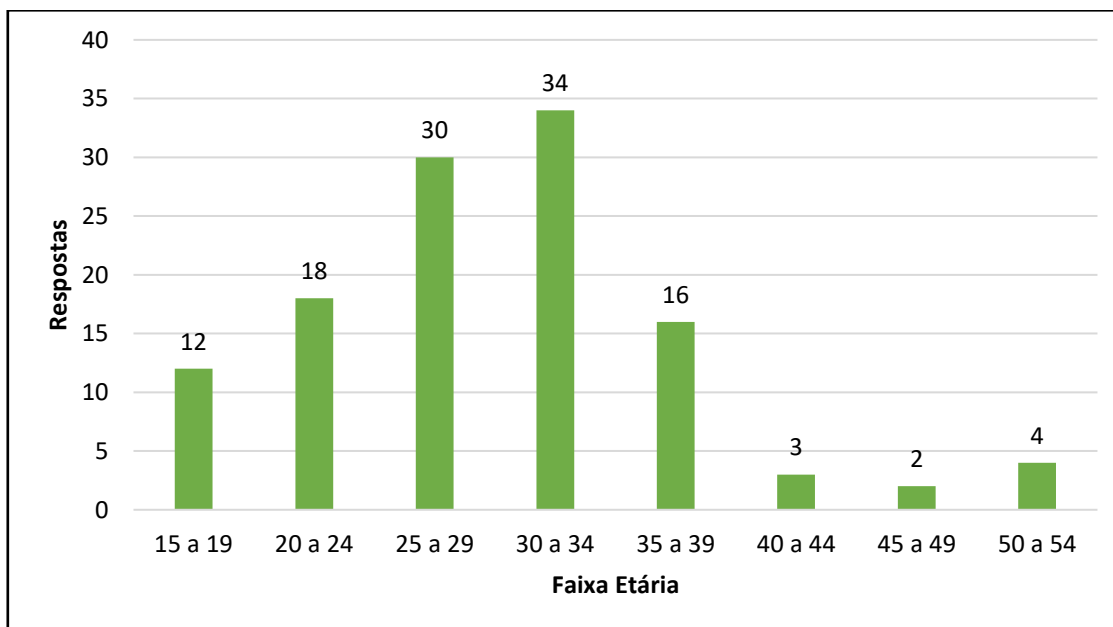
Fonte: adaptado de Mandel, 2016.

Para dar andamento a esta pesquisa, foram consideradas 13 bares e casas de show blumenauenses, distribuídas por toda a cidade. A grande maioria delas está situada na área central do município, próxima a

universidades e estabelecimentos comerciais. Nota-se que algumas das opções de lazer em Blumenau estão situadas em regiões de grande fluxo, o que tende a maximizar a visibilidade e o público para as apresentações musicais. Foram analisadas as agendas destes estabelecimentos no período de junho de 2015 a maio de 2016, e verificou-se que se apresentaram ao menos 448 músicos e bandas diferentes. Destes, 119 músicos e musicistas responderam a um questionário *online* que nos ajudou a compreender melhor o cenário musical blumenauense sob a ótica dos próprios trabalhadores (Lopes, 2016; Lopes; Spiess, 2017). No total, o questionário foi respondido por 104 homens e apenas 15 mulheres. Como já notado anteriormente, o mundo da música é composto majoritariamente por homens.

O gráfico 1 apresenta o total de 119 respondentes da pesquisa de acordo com a faixa etária. Uma análise dos dados revela uma predominância de músicos entre 25 e 34 anos. Essa concentração pode ser atribuída a fatores como a pouca definição profissional e a maior proporção de solteiros nessa faixa etária, bem como um maior vigor físico, que favorecem a rotina noturna e as condições mais flexíveis do trabalho musical. Em contrapartida, observa-se que a participação diminui para músicos com mais de 40 anos, possivelmente devido a uma maior estabilidade em outras carreiras, constituição familiar e uma preferência por não trocar o dia pela noite, tornando o trabalho em bares e restaurantes menos atrativos. É importante ressaltar que os dados apresentados, coletados em 2016, refletem o cenário pré-pandemia do mercado musical em Blumenau, oferecendo um panorama relevante daquele período.

Gráfico 1 – Distribuição de 119 respondentes por faixa etária



Fonte: Os autores (2016).

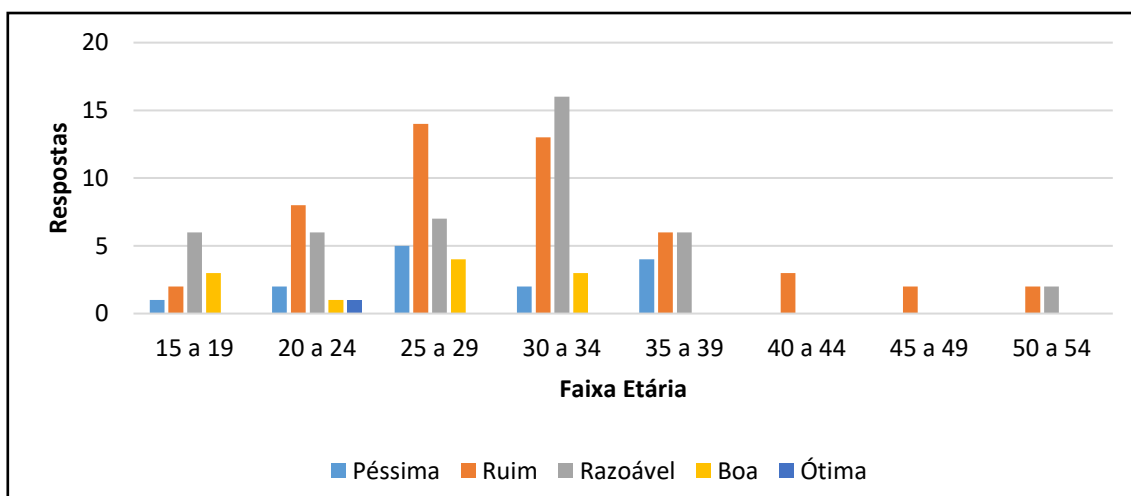
O perfil dos músicos é bastante variado, mas na noite, em bares e restaurantes, disputam o mesmo espaço e cachê. Neste sentido, é preciso pensar também no estabelecimento enquanto contratante. O músico é contratado de acordo com o interesse do estabelecimento e o contato

entre o músico e o contratante frequentemente é direto, ou seja, poucas vezes é mediado por alguém que não seja o próprio músico. Desta maneira, percebe-se que o trabalho do músico neste sentido se torna ainda mais complexo, pois o próprio músico faz o papel de empresário e quase sempre trabalha na divulgação do seu próprio negócio.

Acerca de valores de cachê e pagamentos, não há um piso estabelecido que garanta que o músico receba um “pagamento justo”. Dessa forma, a grande maioria dos contratantes negocia com o profissional contratado o valor que lhe convém. Já o músico raramente consegue manter-se firme em relação ao pagamento que julga justo receber, e acaba aceitando o cachê oferecido para não perder espaço no cenário musical da cidade. O período que o músico trabalha nos bares e restaurantes da cidade varia de duas a quatro horas e alguns estabelecimentos permitem que o músico faça uma pequena pausa no meio do show. Além disso, a maioria dos estabelecimentos não disponibiliza os equipamentos como microfone, mesa de som ou caixas acústicas. Tudo fica por conta do profissional que vai se apresentar. Na maioria das vezes, não há um contrato ou uma nota de serviço prestado; simplesmente se “fecha o toque” e o músico vai até lá fazer seu trabalho.

O gráfico 2 ilustra a opinião dos músicos referente à remuneração na cidade de Blumenau:

Gráfico 2 – Opinião sobre a remuneração dos músicos em Blumenau



Fonte: Os autores (2016).

O Gráfico 2, que sintetiza a percepção de 119 músicos respondentes de Blumenau sobre sua remuneração, revela um cenário de insatisfação predominante, com variações significativas entre as faixas etárias. Observa-se que a insatisfação atinge picos nas faixas etárias mais jovens, como entre 20 e 29 anos, onde a maioria dos respondentes (55,5% na faixa de 20-24 e 63,4% na faixa de 25-29) avalia a remuneração como "Péssima" ou "Ruim", refletindo as dificuldades de consolidação e negociação inicial no mercado. Embora haja uma leve melhora na percepção para a faixa entre 30 e 34 anos, onde quase metade (47,1%) considera a remuneração "Razoável", a insatisfação volta a se acentuar a partir dos 35 anos. Para os músicos acima de 35 anos, a maioria expressa descontentamento, atingindo 62,5% de avaliações "Péssima" ou "Ruim" na

faixa de 35-39 anos, e alcançando 100% de avaliações "Ruim" para as faixas de 40-44 e 45-49 anos (embora com amostras menores). Essa tendência de insatisfação generalizada e crescente com a idade mais avançada sugere um choque entre as expectativas de vida e as condições informais e muitas vezes subvalorizadas do trabalho musical na cidade.

Conforme afirmam Lüders e Gonçalves (2013), enquanto trabalhador, o músico tem seu espaço na Classificação Brasileira de Ocupações (CBO) e faz parte de uma instituição, a Ordem dos Músicos do Brasil (OMB) – que deveriam regular, defender e fiscalizar o exercício da profissão (Mendonça, 2003). Contudo, como já mencionado, o músico acaba exercendo múltiplas funções em sua atividade profissional, atuando como músico, empresário, divulgador do próprio trabalho, responsável pela montagem e desmontagem de equipamentos e, muitas vezes, sem preocupação ou conhecimento acerca da saúde ocupacional. Dessa forma, a missão de classificá-los torna-se complexa devido à diversidade de funções inerentes à profissão. Portanto, o músico de barzinho, especificamente, dificilmente se enquadrará em apenas uma categoria.

A precarização e a informalidade resultam em insatisfação, conforme evidenciado pelas falas dos próprios profissionais. O músico A, de 39 anos, lamenta sobre sua remuneração:

Um problema que eu gostaria que fosse colocado em pauta é a falta de valorização dos músicos, sendo solo, duplas ou trios e os valores de cachê diferenciados. Está cada vez pior tocar na noite. Músicos que vivem da música profissionalmente pedem um preço justo pelo seu trabalho, mas aí aparecem outros músicos que tocam por miséria ou por bebidas alcoólicas e acabam pegando os toques no nosso lugar. Isso me deixa chateado e irritado (Músico A, 39 anos).

Da mesma maneira, encontramos outras reclamações:

Músicos em Blumenau não são valorizados por donos de bares. É uma exploração total. Por exemplo: O bar X localizado junto à Vila Germânica, que paga R\$ 400,00 para três músicos que tocam, sendo que dividindo ficam R\$ 133,33 cada um para tocar durante três horas. Aí você desconta a despesa com carro e vai sobrar o quê? Desumano, pois a Lei do Músico não funciona no Brasil (Músico B, 37 anos).

Alguns músicos que responderam ao questionário acreditam que algumas situações só irão melhorar quando estes profissionais passarem a se unir e pensarem neles enquanto categoria. Embora essa seja uma observação bastante pertinente, sabemos que na lógica de mercado o músico e a música tornam-se mercadoria (Adorno, 1996, 2002), e “só permanece neste meio quem se adequa às regras do jogo, logo o mercado consegue desunir a classe porque cada um precisa garantir seu sustento” (Lopes, 2016, p. 84).

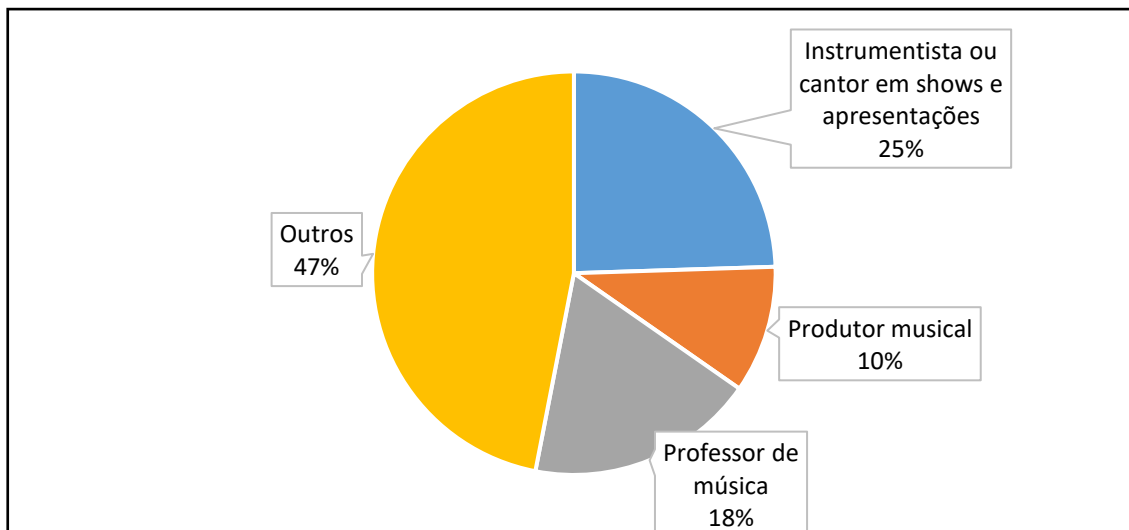
Pichoneri (2006) classifica o músico como um “artista-trabalhador”. Sob esta ótica, os músicos não são apenas artistas e não são apenas trabalhadores. A ideia comum de que músicos têm “um dom”, às vezes até “divino”, intensifica a falta de reconhecimento que o

profissional recebe enquanto trabalhador na sociedade, como se o seu trabalho não fosse fonte de renda e de sobrevivência. Essas opiniões, geralmente partindo de pessoas que não são músicos, acabam por desmerecer todo o processo de trabalho realizado anteriormente (horas de estudo, de dedicação e ensaios), como se as suas apresentações acontecessem simplesmente porque os músicos são seres talentosos e nada mais. Essa abordagem não é bem vista por Becker (2008a), pois para ele não existe dom, e sim dedicação e trabalho. Toda essa falta de reconhecimento e de desconfiança para com o trabalho do músico acaba gerando consequências para ele enquanto trabalhador. Uma das consequências é a precarização do trabalho, que, de acordo com Giddens (2004, p. 413), é “um sentimento de receio a respeito da estabilidade futura da sua posição e do seu papel no local de trabalho”.

Se durante a normalidade o trabalho do músico já apresentava inúmeras dificuldades e incertezas, com a chegada da pandemia do Coronavírus isso se acentuou drástica e negativamente. Diversos músicos, impossibilitados de realizar suas atividades por conta do isolamento, recorreram a *lives* e transmissões *online* por meio das redes sociais como Instagram, YouTube, Facebook. Surgiram festivais que procuraram dar visibilidade aos músicos e arrecadar mantimentos e recursos para o enfrentamento da pandemia (Sousa Júnior *et al.*, 2020). Cabe salientar que o uso desse recurso beneficiou músicos já consagrados em detrimento de músicos que ainda buscavam espaço na cena musical. Essa medida foi vista como uma forma de manter o músico/artista em evidência, no entanto, não significou o recebimento de recursos como se estivesse em plena condição de trabalho.

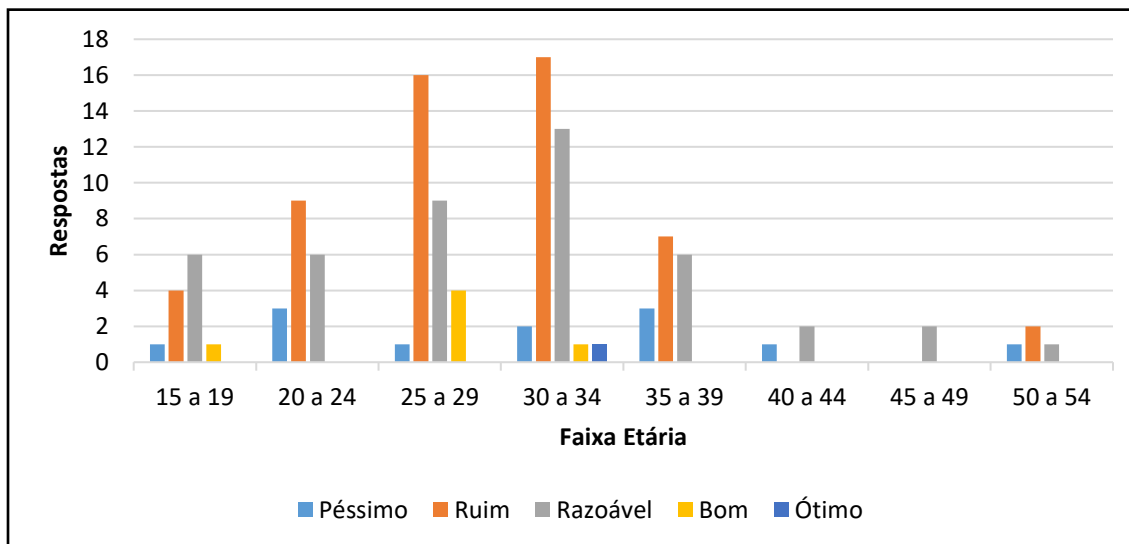
Nesse contexto, a pandemia exacerbou as fragilidades de um mercado já caracterizado pela informalidade e intermitência. A dependência das apresentações presenciais, inviabilizadas pelo isolamento social, resultou em prejuízos financeiros, sociais e emocionais significativos para a categoria. A chance de perda de renda foi drasticamente maior para músicos sem vínculo formal de trabalho, sendo aproximadamente 8 vezes maior em relação aos trabalhadores com vínculo formal. A crise sanitária, combinada com a precariedade estrutural do setor, transformou um cenário já instável em um ambiente de poucas perspectivas e grande vulnerabilidade para os profissionais da música (Dantas, 2021; Sandroni *et al.*, 2021).

O gráfico 3 apresenta a principal fonte de renda dos 119 músicos que se apresentam na cidade de Blumenau. Nesta pergunta, os músicos puderam assinalar mais de uma alternativa, totalizando assim 147 respostas. Percebe-se que a maioria dos músicos tem outra profissão para complementar a renda. Em uma das respostas descritivas, um músico afirmou que, “o músico de Blumenau só é bem remunerado quando dá aulas ou quando toca a música de fundo, geralmente na voz e violão dos bares”. O mesmo trabalhador ainda afirma que o blumenauense é geralmente um “público fechado para o autoral e os donos das casas de shows se aproveitam disso para promover eventos de músicas autorais no qual não pagam nem uma garrafa de água para as bandas” (Músico C, 20 anos).

Gráfico 3 - Sobre a fonte de renda do músico em porcentagem

Fonte: Os autores (2016)

Já o Gráfico 4 trata da opinião dos músicos referente às oportunidades que o mercado da música em Blumenau proporciona. Observa-se que a maioria dos músicos que trabalham em Blumenau considera suas condições de trabalho como ruins ou razoáveis.

Gráfico 1 - Opinião sobre as oportunidade e possibilidade do mercado de trabalho dos músicos em Blumenau

Fonte: Os autores (2016).

Observa-se que essa percepção negativa é predominante em quase todas as faixas etárias, especialmente entre os músicos de 20 a 39 anos, onde mais da metade dos respondentes avalia as oportunidades como "Ruim" ou "Péssima" (66,7% na faixa de 20-24; 56,6% na de 25-29; 57,6% na de 30-34; e 62,6% na de 35-39). Isso sugere que, independentemente da idade, a instabilidade do mercado e a falta de condições favoráveis são percebidas como um desafio constante. O músico D, de 36 anos, assinala

a falta de apoio da prefeitura ou incentivo cultural, a desunião dos músicos, o alto preço dos instrumentos e da hora de ensaio, e a ausência de interesse em melhorar essa situação. Ele ainda destaca que um dos principais problemas é o “desinteresse por grande parte do público por bandas e festivais que toquem música própria; o público quer ouvir no bar as mesmas músicas que ele tem no seu computador ou celular”.

Embora a pesquisa tenha sido realizada em um período anterior à pandemia, quando os músicos ainda podiam fazer suas apresentações, os dados já apontavam para a insatisfação geral. Nesse sentido, a análise das condições de trabalho pré-pandêmicas revela uma realidade de incerteza e instabilidade que seria drasticamente agravada pelo cenário subsequente. O processo de distanciamento social e restrição das atividades coletivas durante a pandemia tornou a atividade desses profissionais ainda mais difícil, aprofundando as incertezas e a precarização já observadas nos dados pré-pandêmicos.

Dantas (2021), em seu estudo sobre o trabalho artístico no Brasil, e Sandroni *et al.* (2021), ao analisarem os efeitos da Covid-19 na renda dos músicos brasileiros, destacam que os trabalhadores da música, já acostumados com a informalidade e a intermitência, viram suas possibilidades de trabalho sucumbirem devido às proibições de eventos presenciais em bares, casas de show e outros locais de performance. A interrupção das agendas e gravações resultou em prejuízos financeiros, sociais e emocionais significativos para a categoria, que depende amplamente dessas apresentações para sua renda. A pandemia não apenas acelerou processos de precarização já em curso, mas também expôs a vulnerabilidade à qual esses profissionais vêm sendo submetidos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo, realizado no contexto pré-pandemia, buscou analisar o músico enquanto trabalhador no cenário musical de Blumenau/SC. Os achados da pesquisa revelam uma profunda insatisfação dos profissionais da música local com suas condições de trabalho e remuneração. Essa percepção negativa está intrinsecamente ligada à predominância da informalidade e à instabilidade inerente à profissão.

A realidade blumenauense reflete um padrão mais amplo do mercado musical brasileiro, caracterizado por uma alta taxa de informalidade e pela prevalência de formas atípicas de trabalho, como o autoemprego e o *freelancing*. Tais condições expõem os músicos a uma significativa vulnerabilidade, exacerbada pela necessidade frequente de complementar a renda por meio de outras atividades. A dependência das apresentações presenciais, somada à natureza multifacetada do trabalho e à falta de reconhecimento social da atividade laboral, contribui diretamente para a precarização profissional.

A chegada da pandemia de Covid-19 intensificou drasticamente um cenário já desafiador, inviabilizando apresentações e expondo ainda mais as fragilidades desses profissionais. A contribuição deste trabalho reside em preencher uma lacuna na literatura ao oferecer um estudo de caso empírico focado na dimensão laboral do músico em Blumenau, em

contraste com as abordagens predominantes que privilegiam aspectos artísticos e culturais. Isso permite compreender a posição desses profissionais enquanto classe trabalhadora, muitas vezes à margem das políticas sociais devido à sua heterogeneidade e falta de organização. Como limitação, destaca-se o caráter pré-pandêmico dos dados, o que sugere a necessidade de futuras pesquisas para analisar os impactos a longo prazo e as adaptações pós-crise sanitária, bem como explorar a formulação de políticas públicas para mitigar a informalidade e a precarização no setor musical.

REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor W. **Indústria Cultural e Sociedade**. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

ADORNO, Theodor W. **Introdução à sociologia da música**. São Paulo: Edunesp, 2011.

ADORNO, Theodor W. O fetichismo da música e a regressão da audição. In: **Os Pensadores**. São Paulo: Abril Cultural, 1996, p. 65-108.

ANTUNES, Ricardo. Trabalho e precarização numa ordem neoliberal. In: GENTILI, Pablo; FRIGOTTO, Gaudêncio; COUTROT, Thomas. **A cidadania negada: políticas de exclusão na educação e no trabalho**. 2. ed. São Paulo: Cortez; Buenos Aires: CLACSO, 2001. p. 35-48.

BECKER, Howard S. **Los mundos del arte: sociología del trabajo artístico**. Bernal: Universidade Nacional de Quilmes, 2008.

BECKER, Howard S. **Outsiders: estudos de sociologia do desvio**. Tradução: Maria Luiza X. de Borges. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

BECKER, Howard S. Uma carreira como sociólogo da música. **Contemporânea**. São Carlos, v. 3, n. 1, jan-jun 2013, p. 131-141. Disponível em: <http://bit.ly/4eGSrJI>. Acesso em: 3 jul. 2025.

BOURDIEU, Pierre. **A distinção: crítica social do julgamento**. São Paulo: Edusp; Porto Alegre: Zouk, 2007.

BOURDIEU, Pierre. **Esboço de uma teoria da prática: precedido de três estudos sobre etnologia cabila**. Oeiras: Celta, 2002.

CAMPOS, Darlan P. de. **Map locator of Blumenau, Santa Catarina**. 2006. Disponível em: https://commons.wikimedia.org/wiki/File:SantaCatarina_Municip_Blumenau.svg. Acesso em: 4 jul. 2025.

CAMPOS, Luís Melo. A música e os músicos como problema sociológico. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, n. 78, p. 71-94, 2007. Disponível em: <https://bit.ly/3eGbRhL>. Acesso em: 28 jun. 2024.

COELHO, Teixeira. **O que é indústria cultural**. São Paulo: Brasiliense,

1980.

COSTA, Rodrigo Heringer; SOUSA, Caio Luiz Jardim. A música como ocupação no Brasil em 2019: análise da composição do mercado de trabalho. **OPUS**, v. 29, p. 1-24, 2023. Disponível em: <http://bit.ly/3IujdZr>. Acesso em: 3 jul. 2025.

COSTA, Viegas Fernandes da. A antropofagia blumenauense: a música em Blumenau no início do século XXI. **Blumenau em cadernos**, Blumenau, v. 49, n. 2, p. 66-77, mar./abr. 2008. Disponível em: <http://bit.ly/3Ic3bTZ>. Acesso em: 3 jul. 2025.

DANTAS, Jefferson. O trabalho artístico no Brasil: entre a pandemia e o pandemônio. **PROA: Revista de Antropologia e Arte**, v. 11, n. 2, p. 199-210, 2021. Disponível em: <http://bit.ly/4lcacCR>. Acesso em: 4 jul. 2025.

GIDDENS, Anthony. **Sociologia**. 4. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2004.

HEINICH, Nathalie. **A sociologia da arte**. Bauru: EDUSC, 2008.

HINKEL, Jaison. **Música(s), sujeito(s) e cidade(s) – diálogos: o Rap em Blumenau**. 2013. 146 f. il. Tese (doutorado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Programa de Pós-Graduação em Psicologia 2013.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Informações completas**. 2010. Disponível em: <http://cod.ibge.gov.br/7NW>. Acesso em: 20 jun. 2024.

LOPES, Guilherme Augusto Hilário. **Os músicos da noite blumenauense: um estudo de caso**. 2016. 103 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Ciências Sociais) - Centro de Ciências Humanas e da Comunicação, Universidade Regional de Blumenau, Blumenau, 2016. Disponível em: <https://bit.ly/2YDGBKU>. Acesso em: 28 jun. 2024.

LOPES, Guilherme Augusto Hilário; SPIESS, Maiko Rafael. Os músicos profissionais na noite da cidade de Blumenau, sul do Brasil. In: CONGRESO ASOCIACIÓN LATINOAMERICANA DE SOCIOLOGÍA, 31., 2017. Montevideo. **Anais [...]**. Montevideo: ALAS, 2017. p. 1-24. Disponível em: <https://bit.ly/31pygwc>. Acesso em: 28 jun. 2024.

LÜDERS, Débora; GONÇALVES, Cláudia Giglio de Oliveira. Trabalho e saúde na profissão de músico: reflexões sobre um artista-trabalhador. **Tuiuti: Ciência e Cultura**, Curitiba, v. 4, n. 47, p. 124-137, 2013. Disponível em: <https://bit.ly/2B0t1v2>. Acesso em: 28 jun. 2024.

NORMANHA, Ricardo. Sob o domínio do capital: a precariedade do trabalho artístico nas indústrias culturais. **Revista Novos Rumos**, Marília, SP, v. 57, n. 1, p. 131-146, 2020. Disponível em: <http://bit.ly/4li5tjf>. Acesso em: 4 jul. 2025.

MANDEL, Andreia. **Dados de alimentação e bebida Blumenau**. [mensagem

peçoal]. Mensagem recebida por guilherme.kxopa@hotmail.com em 11 maio 2016.

MENDONÇA, Amaudson. **“OMB, OBRIGADO NÃO”**: análise social sobre as relações de poder na Ordem dos Músicos do Brasil no estado do Ceará (1998-2003). 2003. 133f., Dissertação de Mestrado em Políticas Públicas e Sociedade. Universidade Estadual do Ceará, 2003. Fortaleza: UECE, 2003.

PICHONERI, Dilma Fabri Marão. **Músicos de orquestra**: um estudo sobre educação e trabalho no campo das artes. 2006. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2006.

REQUIÃO, Luciana Pires de Sá. **“Eis aí a Lapa...”**: processos e relações de trabalho do músico nas casas de shows da Lapa. 2008. 262 f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós Graduação em Educação, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2008.

ROSSBACH, Roberto Fabiano. **As sociedades de canto da região de Blumenau no início da colonização alemã (1863-1937)**. 2008. 189 f. Dissertação (Mestrado em Música). Florianópolis: Universidade do Estado de Santa Catarina, 2008. Disponível em: <https://bit.ly/2VqI2Kt>. Acesso em: 28 jun. 2024.

ROSSBACH, Roberto Fabiano. Sociedades de Música (Bandas) no contexto da imigração alemã. In: CONGRESSO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM MÚSICA, 24., 2014, São Paulo. **Anais [...]**. São Paulo: ANPPOM, 2014. Disponível em: <https://bit.ly/3fYJ0Wm>. Acesso em: 28 jun. 2020.

SANDRONI, Clara *et al.* A Covid-19 e seus efeitos na renda dos músicos brasileiros. **Revista Vórtex**, v. 9, n. 1, p. 1-23, 2021. Disponível em: <http://bit.ly/3Idehbu>. Acesso em: 4 jul. 2025.

SEGNINI, Liliana Rolfsen Petrilli. Os músicos e seu trabalho: diferenças de gênero e raça. **Tempo Social**. v. 26, n. 1, p. 75-86, jun. 2014. Disponível em: <https://bit.ly/386uUzx>. Acesso em: 28 jun. 2024.

SEGNINI, Liliana Rolfsen Petrilli. À procura do trabalho intermitente no campo da música. **Revista Estudos de Sociologia**, Araraquara, v. 16, n. 30, p. 177-196, 2011. Disponível em: <http://bit.ly/3GttSmK>. Acesso em: 4 jul. 2025.

SOUSA JÚNIOR, João Henriques de *et al.* “#fiqueemcasa e cante comigo”: estratégia de entretenimento musical durante a pandemia de covid-19 no Brasil. **Boletim de Conjuntura (BOCA)**, Boa Vista, v. 2, n. 4, p. 72-85, abr. 2020. Disponível em: <https://bit.ly/2NCwnEe>. Acesso em: 28 jun. 2024.

WEBER, Max. **Os Fundamentos Racionais e Sociológicos da Música**. Trad. Leopoldo Waizbot. São Paulo: Edusp, 1995.

WERLING, Camila. **A música como representação dos movimentos germânicos e não-germânicos em Blumenau nas décadas de 1970 e 1980**. 2016. 167 f. Dissertação (Mestrado em Música). Florianópolis: Universidade do Estado de Santa Catarina, 2016. Disponível em: <https://bit.ly/3ica2LS>. Acesso em: 28 jun. 2024.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos à equipe editorial e aos revisores da Revista Sapiência pelo cuidado, rigor e contribuições valiosas durante o processo de avaliação, que foram fundamentais para o aprimoramento deste trabalho.

Contato da autora e dos autores:

autora: Tairine Gabriela Pereira Lopes
e-mail: tgplopes@furb.br

autor: Guilherme Augusto Hilário Lopes
e-mail: gahlopes@furb.br

autor: Maiko Rafael Spiess
e-mail: mspiess@furb.br

Manuscrito aprovado para publicação em: 27/02/2025